

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | LIBERDADE

4 e 6 de Novembro de 2024

A INVENÇÃO DO AMOR / 1965

um filme de ANTÓNIO CAMPOS

Realização, Produção, Fotografia, Montagem de Imagem: António Campos *Argumento:* António Campos baseado num poema homónimo de Daniel Filipe *Colaboração:* Camilo Mourão (assistente), Carlos Ruas, Manuel Simões, Arnaldo Tereso, Gui Bernardes, Regina Pestana *Música:* Electronic Music, Electronic Movements, Tom Dissevelt e Kid Balton *Interpretação:* Maria Carolina Young, Joaquim Manuel (Quiné), Manuel Catarro, Francelino Barros, Jacinto Ferreira, Miguel Júlio, Maria de Lurdes, Albuquerque, Arlindo Farinha, Regina Pestana, Camilo Mourão, Afonso de Sousa, Mário Martinho, Aníbal Pereira, Manuel Simões, Carlos Martins, Victor Agostinho, Victor Marques, Isabel Lousada *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto-e-branco e cor, 29 minutos.

NOTA SOBRE O RESTAURO E AMPLIAÇÃO 35 MM

Produzido com negativo de câmara de 16 mm (preto e branco), este filme tinha sido copiado uma única vez, em cópia muda, originalmente mostrada por A. Campos com som magnético separado. Em 1974, o realizador fez uma nova mistura sonora, gravada em fita magnética de um quarto de polegada, que, porém, também nunca chegou a ser utilizada para a tiragem de qualquer cópia síncrona. A cópia síncrona apresentada é o resultado de um restauro feito em 2000 no laboratório do Arquivo Nacional das Imagens em Movimento da Cinemateca Portuguesa, a partir de ambos os materiais de imagem (negativo e cópia única de 16 mm) e da mistura sonora de 1974, e incluindo ampliação para 35 mm e produção de uma nova cadeia de preservação neste último formato. O recurso ao negativo e à cópia deve-se ao facto de se terem notado diferenças entre os dois materiais de origem, havendo desaparecimento de alguns planos (além de sistemáticas perdas de fotogramas em muitos outros) ao nível da cópia, e havendo também alguns planos que, existindo na cópia, já não se encontram no negativo (incluindo o último plano do filme, a cores, que portanto duplicámos da cópia, com inerente perda de qualidade). Não podendo saber hoje, em rigor, qual a parte das diferenças que derivou do desgaste dos materiais e qual a que derivou da intervenção de A. Campos, optámos por reconstituir a versão mais completa possível, baseada essencialmente no negativo original mas acrescentando os planos que, entretanto, tinham desaparecido deste, sem que tivessem sido retirados da cópia.

____ José Manuel Costa com Luigi Pintarelli e Rafael Marques

***A Invenção do Amor* é apresentado com *Une femme est une femme* de Jean-Luc Godard (“folha” distribuída em separado).**

Vermelho-vivo é a cor desta sessão, mesmo quando a luz sobre a banda de imagem não a projecta. O 16 mm preto-e-branco e cor originalmente filmado por António Campos em registo amador (da coisa amada), com Maria Carolina, Quiné, Manuel Catarro, Francelino Barros, faz par, nesta “sessão Liberdade”, com o CinemaScope explosivamente cromático de Jean-Luc Godard com Jean-Claude Brialy, Anna Karina, Jean-Paul Belmondo. Nos princípios dos anos 1960, *Une femme est une femme*, nada *infame*, era o musical americano de JLG, o seu Lubitsch, uma variação muito sua. Talvez *A Invenção do Amor* de Campos lembre mais imediatamente *Alphaville* (e *Alphaville, une étrange aventure de Lemmy Caution* é do mesmo ano de 1965), o Godard FC *noir* ambientado numa cidade futurista, filmada em exteriores em Paris, onde os sentimentos e a noção de poesia foram obliterados. Mas aqui a proposta alinha pela liberdade, a urgência de inventar.

No contexto histórico do cinema português, fértil em exemplos de percursos singulares e obstinação de vontades em fazer cinema, António Campos distingue-se pela marginalidade que desde sempre, e desde muito cedo, caracterizaram a sua atitude e a sua obra. Entre o final dos anos 1950 (*O Rio Lis*, *O Senhor*,

Um Tesoiro, os primeiros filmes) e os anos 1990 (*Terra Fria*, *A Tremonha de Cristal*, os últimos), António Campos filmou quase sempre à margem dos círculos que foram marcando o cinema português, conseguindo levar a cabo uma obra que se notabilizou na sua vertente documental e etnográfica – de *A Almadra da Atuneira* (1961) a *Vilarinho das Furnas* (1971), *Falamos de Rio de Onor* (1974) ou *Gente da Praia da Vieira* (1975) –, mas cuja real dimensão lhe escapa, quer pela variância, quer pelo confessado desejo de ficção, por onde começa e termina, dela se desviando no longo interregno que medeia entre *A Invenção do Amor*, *Histórias Selvagens* (1978), em que os dois registos se cruzam e, finalmente, *Terra Fria*, a adaptação da obra homónima de Ferreira de Castro, realizado em 1992, mas que era um projecto adiado desde o início dos anos 1960.

A Invenção do Amor, singular experiência que Paulo Rocha associa à atmosfera surrealista, e sempre defendeu como um filme único no cinema português, foi durante largos anos um filme “inexistente”, já que após algumas (raras) exposições deixou de ser mostrado. O projecto, sugerido por um amigo logo a seguir a *Almadra da Atuneira* foi preparado durante o período em que Campos desenvolveu institucionalmente a sua actividade cinematográfica para a Fundação Calouste Gulbenkian (onde trabalhou durante sete anos, registando em película as actividades da Fundação, nomeadamente exposições). Em 1965, uma coincidência de férias e uma colecta entre os amigos permitem a sua realização. Assim, a primeira vez que Campos filma em equipa, de novo com actores de teatro amador de Leiria, como em *O Tesoiro* e *O Senhor*, é também quase sem meios e pouco aparato técnico. Uma vez concluído, o filme é apresentado pela primeira vez a um grupo restrito de amigos em sessão privada no refeitório de uma fábrica, à semelhança de outras que Campos organizava em projecções de imagem acompanhadas das respectivas bandas sonoras, montadas à parte em bobines magnéticas.

A Invenção do Amor, onde “um casal fugitivo que inventou o amor com carácter de urgência” é acossado pela população convidada a denunciá-lo, é um filme radical. E assim mesmo foi percebido por altura da sua conclusão. Além da defesa acérrima de Paulo Rocha, a primeira (senão única) apresentação pública do filme no Cineclube do Porto suscita o entusiasmo geral. Alves Costa apresenta-o como um filme ambicioso e a imprensa noticia, uma assim anunciada “nova etapa do cinema amador português”. No *Tempo e o Modo* (nº 41, Setembro de 1966), Fernando Lopes refere o filme de Campos como “metafísico-policial, (um filme) que eu considero notável. Creio que é um filme importante na história do cinema português”. Apesar dos ecos favoráveis, ou talvez devido ao temor que os termos em que eles eram expressos lhe suscitam, eventualmente receando o confisco, Campos retira o filme de circulação.

Hoje é possível reavaliar a sua importância na obra de António Campos e confirmar a originalidade temática e formal de *A Invenção do Amor*: Leiria, Tomar e Lisboa são os cenários de um suposto país imaginário, mas os protagonistas percorrem os espaços consagrados pelos filmes do Cinema Novo português seus contemporâneos. A grande protagonista do filme é a cidade, hostil, claustrofóbica e perseguidora, espaço de absoluta ausência de liberdade cuja metáfora a estranha língua do filme não mascara e que, provavelmente, esteve na origem do acto de auto-censura de Campos. Personagens acossadas, sobre as quais pairam ainda as sombras expressionistas (veja-se o plano do casal durante a subida de uma escada em caracol, antecedida pelas suas sombras), os amantes de *A Invenção do Amor* atravessam o filme como fugitivos. E é como fugitiva que a rapariga é alvejada nas costas numa das mais expressivas quedas do cinema português.

Maria João Madeira

a partir de um texto originalmente escrito para a passagem conjunta de *A Invenção do Amor* e outros filmes de António Campos